

Rubiane Maia, O jardim, Performance [2 meses]. Exposição 'TERRA COMUNAL + Marina Abramovich + MAI' SESC POMPÉIA, São Paulo, Brazil, 2015.
Fotografias: Tete Rocha, Hick Duarte, Victor Nomoto e Victor Takayama



SOBRE A ARTISTA E SUAS IMAGENS

Rubiane Maia: refletir sobre a alimentação a partir do sensível

ISABELA PRADO*

A alimentação é um aspecto fundamental da existência humana. É ciência, arte, identidade, cultura. É a base sobre a qual nos constituímos enquanto sociedade, envolvendo inúmeros aspectos associados à produção, distribuição e preparação dos alimentos.

Um tema tão relevante e abrangente naturalmente permite vários olhares e acolhe diferentes formas de abordagem, recorte e problematização. O ensaio visual deste número da revista busca então contribuir para a reflexão, de forma poética.

A artista que participa desta edição é Rubiane Maia, cujo trabalho maduro, político e sensível se expressa em mídias diversas, como performance, instalação, escrita, fotografia e vídeo. Em seu trabalho, se interessa pelas relações de interdependência entre seres humanos e não humanos, como minerais e plantas, e considera os elementos da natureza como guias para suas obras.

Para compor o ensaio visual deste número da revista, foram selecionadas três obras que trazem questões sobre o papel do alimento, sobre a relação entre o corpo e a natureza, sobre o cultivar, gestar, germinar, brotar, podar.

“O Jardim” é uma performance de longa duração, em que a artista permanece por dois meses, oito horas por dia em silêncio, cultivando uma plantação de feijões indoor, desde a semente até a planta adulta. Para tanto, é criado um laboratório com as condições adequadas para garantir e acompanhar o desenvolvimento dos pés de feijão, incluindo iluminação artificial, instrumentos médicos e materiais de jardinagem.

* Artista visual e professora na Escola de Belas Artes da UFMG

Rubiane Maia assume aqui o papel de artista-pesquisadora e, a partir dessa perspectiva, equipara a pesquisa em arte e a pesquisa científica, ao construir aquilo que denomina uma “instalação lab-microcosmo para ações diárias”. Por meio desse processo laboratorial, a obra lança luz sobre o tempo da natureza, o tempo de plantar e de colher, e a importância do trabalho humano. Ao mesmo tempo, com o cultivo dos feijões, ativa a memória do espectador – quem nunca plantou um grão de feijão na infância? – e nos convida a refletir sobre as questões associadas à cultura alimentar brasileira.

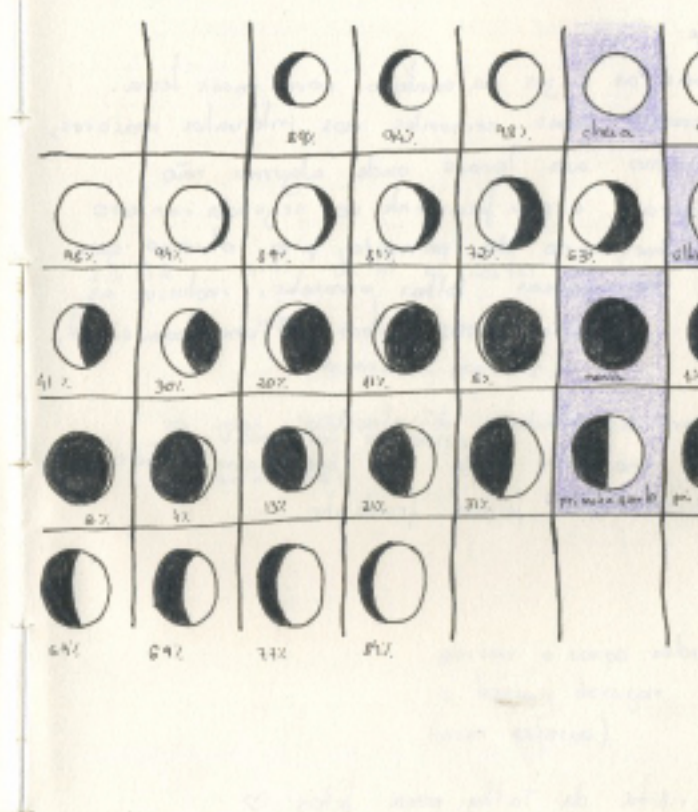
Compondo também este ensaio visual, temos a obra “Esquecimento”, definido pela artista como um autorretrato composto por seis fotografias. Para execução desta obra, Rubiane Maia cultivou sementes de feijão preto dentro de um livro, intitulado “Autobiografias de la tierra”. Por três semanas, acompanhou e retratou o processo de germinação das sementes. Somos instigados aqui a uma reflexão sobre o tempo e sobre a conexão entre corpo, natureza e conhecimento, aproximando a potência de saberes tradicionais a partir da observação da natureza ao conhecimento formal (dos livros).

“Esboços de um corpo desconhecido”, por sua vez, é um conjunto de vídeos que trata do corpo em sua relação íntima com a comida. Através do contato dos alimentos com todas as partes do corpo, busca criar saciedade e uma sensação de prazer e conforto. Também aqui o corpo é entendido como parte da natureza, assim como o são os alimentos. Neste trabalho, a artista estabelece uma relação sensorial, que promove a ativação das camadas de memória sobre a superfície da pele.

Rubiane Maia é uma artista brasileira, mulher, mãe. Como tal, traz em seu trabalho questões simbólicas muito pertinentes e fortes a respeito do alimento, do prover, do tempo da germinação, da gestação, tocando de forma poética várias características da cultura e da sociedade brasileiras. Estabelece, assim, uma contribuição sensível para a investigação que a revista se propôs a fazer sobre os múltiplos aspectos que envolvem o tema Alimentação.

preparação para exercícios
aéreos.

(folhas)



Rubiane Maia, caderno de processos da obra 'O Jardim'.

A artista

Rubiane Maia é uma artista transdisciplinar brasileira que vive em Folkestone, Reino Unido. Possui graduação em Artes Visuais e mestrado em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Seu trabalho artístico é uma prática híbrida entre performance, vídeo, instalação e texto, ocasionalmente flertando com desenho e colagem. Ela se sente atraída por estados de sinergia, abrangendo as relações invisíveis de afeto e fluxo, e investiga o corpo para ampliar as possibilidades de percepção além do habitual. Em 2015, participou da exposição 'Terra Comunal - Marina Abramovic + MAI', no SESC Pompéia, São Paulo, com a performance de longa duração 'O Jardim'. Em 2016, realizou o projeto 'Preparação para o Exercício Aéreo, o Deserto e a Montanha' viajando por paisagens de altitude como: Uyuni (Bolívia), Pico da Bandeira (Espírito Santo/Minas Gerais, BR) e Monte Roraima (Roraima, BR/Santa Helena de Uai-rén, VEN). Em 2017, lançou seu segundo curta-metragem, ÁDITO no 24 Festival de Cinema de Vitória. Desde 2018 desenvolve o projeto 'Livro-Performance', criando ações que são concebidas em resposta a textos autobiográficos, particularmente influenciados por memórias transgeracionais conectadas a questões de gênero e raça. Em 2022, lançou o projeto Divisa, uma instalação online que pode ser acessada em www.projetodivisa.com. Rubiane Maia faz parte de uma ampla rede internacional de artistas, curadores e ativistas que se envolvem com conhecimentos tradicionais, ecologia e políticas da alimentação.

O jardim

A performance 'O Jardim' consistiu em permanecer dois meses, oito horas por dia em silêncio, cultivando um jardim de feijões indoor, da semente até se tornarem plantas adultas com a capacidade de florescer e formar vagens com novos grãos.

Projeto que foi realizado em duas grandes plataformas de concreto que formam a biblioteca do SESC Pompéia – um prédio de arquitetura modernista criado pela famosa arquiteta Lina Bo Bardi, e que atualmente é tombado como Patrimônio Cultural Nacional do Brasil.

Um ambiente preparado e ativo com todas as condições necessárias para que os feijoeiros se desenvolvessem e crescessem da melhor maneira possível, incluindo: mais de 10 toneladas de terra com substrato, iluminação especial, materiais de jardinagem, vidrarias e instrumentos de laboratório médico, água, papéis e materiais de desenho, mesas, e um computador com impressora.

Ou seja, uma instalação-lab-microcosmo para ações diárias, que se deslocavam entre a prática comum de jardinagem, a relação do corpo humano com o espaço e as plantas, o estudo e a observação intensa do processo (quase invisível) de crescimento dos ramos rumo a luz e a verticalização, exercícios de cuidado aplicados a si e ao outro (incluindo o público em ações indiretas), comunicação com as plantas, a instauração de um campo energético, dentre outros.





Esboços de um corpo desconhecido

O conjunto de vídeos 'Esboços de um Corpo Desconhecido' surgiu do projeto anteriormente intitulado 'À Primeira Vista' que, em seu desenvolvimento, pretendia realizar um estudo da ação performativa para a criação de imagens em vídeo.

O tema: o corpo na sua relação íntima com a comida.

Uma espécie de cozinha-ficção imaginada para criar saciedade e sensação de prazer e conforto através do contato dos alimentos com todas as partes do corpo.

Ou seja, o alimento como ativador das diversas camadas de memória que estão acomodadas sobre a superfície da pele.

O esquecimento

Esquecimento é um autorretrato composto por uma série de seis fotografias. Um trabalho realizado no período em que participei da residência artística 'Proyectos Clandestinos', em Buenos Aires, Argentina.

Como ponto de partida: uma vontade imensa de investigar as múltiplas relações entre afetos visíveis e invisíveis, a intimidade do meu corpo com as plantas, a solidão de um apartamento frio e impessoal e a memória.

Durante três semanas, retratei o processo de germinação de sementes de feijão preto dentro de um livro, intitulado 'Autobiografias de la Tierra', que comprei numa loja de sebo local.

Um gesto premeditado pela decisão de produzir um objeto sensível e efêmero, destinado a desaparecer.

Nessas imagens, o que resta são os fragmentos de uma matéria orgânica quase etérea, que gradualmente sai dos contornos, tornando-se completamente diluída naquilo que concebemos como o Todo.

Ou, transcendendo a existência individual.

